

A relevância da "questão dos sequestros" nas relações bilaterais entre Japão e Coreia do Norte

Lais Santos Belini¹

Resumo

Desde a formação da República Popular Democrática da Coreia (Coreia do Norte), o Japão nunca estabeleceu relações diplomáticas com o país. Por parte da Coreia do Norte, há muitas questões do pós-guerra não resolvidas, para o Japão, há o sentimento de ameaça com o país vizinho em virtude do desenvolvimento nuclear e de mísseis. Apesar de essas questões serem indispensáveis para a estabilidade entre os dois países e de toda região asiática, é a "Questão dos Sequestros" – caso dos dezessete japoneses sequestrados pelo governo da Coreia do Norte entre as décadas de 1970 e 1980 – que causa maior comoção na opinião pública e nos meios de comunicação, transformando-se em prioridade para políticos e obstáculo para a política externa do Primeiro-Ministro Koizumi (2001-2006), que buscava a edificação das relações bilaterais entre os dois países. Entretanto, ao final de seu governo, Shinzo Abe é promovido ao cargo de Primeiro-Ministro especialmente por seu caráter linha-dura, indisposto para com uma política externa conciliadora à Coreia do Norte, passando para a ausência de diálogo entre os dois países. Portanto, o objetivo principal deste artigo, realizado por meio de análises de discursos políticos e da opinião pública japonesa, é expor que os sequestros se tornam o ponto central e controverso do estabelecimento diplomático entre os dois países.

Palavras-chave: Japão. Coreia do Norte. Diplomacia. Sequestros. Segurança nacional.

Introdução

Com a convicção de que o Japão deveria guiar a Ásia, em 1910, o país inicia uma política expansiva e anexa a Coreia como colônia, mantendo-a nesta condição até o ano de 1945, após a derrota do Japão para os Aliados. No decorrer do governo colonial nipônico, impõe-se o sistema imperial mediante a obrigatoriedade do ensino da língua japonesa em escolas primárias, eliminam-se os jornais coreanos, alteram-se sobrenomes, bem como se recruta a população coreana para a força armada e o trabalho escravo em minas, bordéis e fábricas (CHONG-SIK, 1985). Há ainda muito ressentimento e falta de entendimento em muitas questões que foram parcialmente amenizadas com a República da Coreia (Coreia do Sul) por meio da normalização das relações diplomáticas de 1965

¹ Graduada em Relações Internacionais pela Faculdade de Campinas. Mestranda em Língua, Literatura e Cultura Japonesa pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP) e membro ativa do Grupo de Estudos de Ásia do Núcleo de Pesquisas em Relações Internacionais da Universidade de São Paulo (NUPRI/USP). E-mail: lsbelini@usp.br.

(McCORMACK, 2008). Entretanto, desde a formação da República Popular Democrática da Coreia (Coreia do Norte), em 1948, questões do pós-guerra continuam não resolvidas, uma vez que os dois países nunca estabeleceram relações diplomáticas formais (KUROKI, 2013).

O sentimento de ameaça da Coreia do Norte se inicia no Japão, sobretudo, a partir de agosto de 1998, quando é lançado o míssil *Taepodong*, que atravessa o espaço aéreo japonês e cai no Oceano Pacífico (McCORMACK, 2008). Esta ameaça de desenvolvimento nuclear, somada à capacidade de lançar mísseis, é uma preocupação de toda região do Leste Asiático, o que leva à criação do grupo *Diálogo a Seis* (*Six-Party Talks*) em 2003, que propõe buscar uma resolução para o desenvolvimento nuclear da Coreia do Norte e a segurança da região asiática por meio dos países negociadores, sendo estes os Estados Unidos, o Japão, a Rússia, a China, a Coreia do Sul e a Coreia do Norte.

Apesar de o desenvolvimento nuclear ser indispensável para a segurança do Japão e da região, e de suma importância para manter a harmonia no Sistema Internacional, tendo em vista a maior interdependência com a Ásia, é a "Questão dos Sequestros" – caso dos dezessete japoneses sequestrados pelo governo da Coreia do Norte entre as décadas de 1970 e 1980 – que causa maior comoção e obsessão nacional (NISHIKAWA, 2008, p. 87), transformando-se em prioridade para políticos tanto da coligação quanto dos partidos de oposição.

A "Questão dos Sequestros" acaba por ofuscar totalmente a violação dos direitos humanos cometidos pelo Japão imperial na península coreana entre 1910 e 1945, e, ao mesmo tempo, atrai o interesse da opinião pública japonesa para este tema em aproximadamente 90% no período entre 2002 e 2013 (HAGSTRÖM & HANSSSEN, 2015), ficando atrás de outros tópicos de interesse relacionados à Coreia do Norte, como a questão dos mísseis (média de 65%) ou a questão nuclear (média de 75%). Os sequestros elevam a antipatia pública absoluta pela Coreia do Norte², e torna-se o principal obstáculo ao estabelecimento de negociações bilaterais entre Japão e Coreia do Norte.

² Após a confirmação dos sequestros por Kim Jong-il em 2002, o percentual da população que não simpatiza com a Coreia do Norte cresce 20 pontos em um curto espaço de tempo, passando de 63% em agosto de 2002 para 82% em janeiro de 2003, sendo que se mantém nesta faixa de 80% até o último ano de análise da pesquisa, em 2013 (HAGSTRÖM & HANSSSEN, 2015).

Tendo em mente tais dados, o objetivo deste artigo é expor que, apesar do empenho de política externa para a aproximação entre o Japão e a Coreia do Norte praticada durante a vigência do governo do Primeiro-Ministro japonês Koizumi, a "Questão dos Sequestros" se torna o ponto nevrálgico da diplomacia entre os dois países, especialmente por causa de três fatores: intensas pressões da opinião pública; excessiva cobertura da mídia sobre os sequestros e surgimento de associações de *lobismo*, que se tornam instrumentos de pressão política por excelência a minar os esforços do Primeiro-Ministro.

O artigo expõe, por fim, que a relação entre a Coreia do Norte e o Japão, que já era delicada, com a participação de políticos conservadores nacionalistas e a nomeação do novo Primeiro-Ministro Shinzo Abe, promovido ao cargo especialmente por ser linha-dura em relação ao governo da Coreia do Norte, torna ainda mais difícil a comunicação entre os países.

A investida de Koizumi (2001-2006) para se aproximar da Coreia do Norte

Após algumas tentativas infrutíferas de normalização das relações bilaterais entre Japão e Coreia do Norte na década de 1990, em setembro de 2002 (FEFFER, 2006) o Primeiro-Ministro japonês Junichiro Koizumi (2001-2006), junto do Ministro de Relações Exteriores Tanaka Hitoshi, dá início à diplomacia independente (McCORMACK, 2008) com visita a Pyongyang em busca de uma reconciliação com o país fronteiro ao Japão. Surpreende toda a comunidade internacional, uma vez que Coreia do Norte e Iraque são tidos como membros do "eixo do mal" pelo então presidente dos Estados Unidos George W. Bush. O Japão poderia ser considerado um país dissidente pelos Estados Unidos ao tentar se aproximar da Coreia do Norte, já que o país possui um regime de governo nominalmente comunista com quem os EUA nunca estabeleceram relações diplomáticas.

A curta e tensa reunião resulta no acordo dos dois líderes pelo esforço de um normalização nas relações entre os dois países. Além disso, Koizumi expressa "profundo remorso e sinceras desculpas pelo tremendo dano e sofrimento" (McCORMACK, 2008, p.6) que seu país infligiu à Coreia durante a era colonial japonesa. Ao mesmo tempo, Kim Jong-il, líder da Coreia do Norte, confirma as suspeitas pelo

sequestro de treze japoneses³, entre 1970 e 1980, e pelo despacho de barcos espiões em território marítimo japonês em dezembro de 2001 (McCORMACK, 2008).

Ainda na mesma reunião, é assinada a *Declaração de Pyongyang*, na qual os dois países se comprometem a buscar a normalização das relações bilaterais por meio da confiança mútua na intenção de estabelecer uma benéfica relação política, econômica e cultural entre o Japão e a Coreia do Norte, liquidando resquícios de uma relação negativa no passado de ambos, e de modo a reestabelecer a paz e a estabilidade (MINISTÉRIO das Relações Exteriores do Japão, 2002). Assim, todos os problemas que persistissem obstruindo as relações diplomáticas seriam resolvidos e extintos: conflitos da colonização nipônica da Coreia antes da Segunda Guerra Mundial, a "Questão dos Sequestros", o desenvolvimento de armas nucleares e mísseis pela Coreia do Norte.

Para tentar corrigir as anormalidades das relações entre os dois países, Koizumi adota uma atitude mais conciliadora, chamada "aproximação abrangente"⁴ (KUROKI, 2013, p. 132), a partir da qual enfatiza o diálogo para resoluções pacifistas e diplomáticas, além de evitar ao máximo a aplicação de sanções econômicas. Ademais, a administração de Koizumi se esforça em demonstrar como seria benéfico a ambos se boas relações fossem estabelecidas entre os países. Por um lado, a Coreia do Norte sairia do isolamento e se tornaria um membro da sociedade internacional, além de receber um programa substancial de ajuda e desenvolvimento do Japão⁵; ao mesmo tempo, para este, haveria cessação de hostilidades em sua fronteira, além de novas oportunidades lucrativas de negócios, especialmente no ramo de infraestrutura em construções de vias para veículos, pontes, estradas de ferro, estações de energia, entre outros.

A administração de Koizumi não enfatiza comparações entre os dois regimes e não vê o governo da Coreia do Norte como inimigo, uma vez que, para que as relações bilaterais se edificassem, não faria sentido ressaltar oposições políticas entre "democracia" *versus* "autoritarismo", ou entre um "membro responsável" e "não militar"

³ A Coreia do Norte assume o sequestro de treze japoneses, no entanto, o Japão reconhece oficialmente, desde 2006, dezessete nipônicos sequestrados. Além disso, em 2014, é apresentada à Coreia do Norte uma lista de possíveis 470 pessoas que podem ter sido vítimas do país vizinho, das quais 77 há fortes evidências para acreditar em sequestro (HAGSTRÖM & HANSEN, 2015).

⁴ No original é utilizado o termo "*comprehensive approach*".

⁵ Para esta ajuda seria levado em consideração o modelo de normalização entre o Japão e a Coreia do Sul, efetivado em 1965, o qual consistia em: concessões, empréstimos a longo prazo com juros baixos, assistência humanitária e crédito para financiamento destinado ao setor privado (MANYIN, 2003).

do sistema internacional *versus* o "militar" e "delinquente" (KUROKI, 2013). As diferenças entre os regimes dos dois países não são consideradas entraves para que relações diplomáticas possam ser normalizadas (KUROKI, 2013).

Com relação ao desenvolvimento nuclear do país, a Coreia do Norte tem sido vista como uma ameaça ao Japão e à região do nordeste asiático, no entanto, enfatiza-se apenas o desenvolvimento nuclear presente no país. Sendo assim, a Coreia do Norte como nação comunista não é vista como problema, mas a adversidade se concentra na propagação de armas de destruição em massa que lá existe. Além disso, Koizumi considera questão humanitária ajudar o vizinho, tendo em vista que as condições econômicas do país têm estado em situação precária, com escassez de energia e comida (MINISTÉRIO das Relações Exteriores do Japão, 2003), necessitando de assistência para sua subsistência (KUROKI, 2013).

Entretanto, se inicialmente a aproximação com a Coreia do Norte é bem-vista, o reconhecimento de Kim Jon-il pelos crimes de sequestro se torna algo inadmissível aos olhos da população japonesa, causando grande comoção e se tornando foco de atenção nacional (NISHIKAWA, 2008, p.87): prioridade para políticos tanto da coligação quanto dos partidos de oposição e tema central nas relações entre os dois Estados, como será discutido no próximo item.

A origem e explosão midiática da ‘Questão dos Sequestros’

A origem dos sequestros realizados pela Coreia do Norte começa a ser articulada a partir do incidente de agosto de 1974, quando o coreano Mun Se-gwang, descendente de uma família de segunda geração de coreanos residentes no Japão (*Zainichi*) e simpatizante do regime da Coreia do Norte, planeja assassinar o presidente sul-coreano Park Chung-hee (1963-1979), enquanto este discursava em comemoração ao aniversário da liberação da Coreia do domínio nipônico. O presidente usava colete antibalas, no entanto, sua esposa é atingida e falece (CHONG-SIK, 1985). Após a tentativa de assassinato, por medida de segurança, o governo da Coreia do Sul passa a checar os antecedentes dos coreanos *Zainichis* com interesse em entrar em solo sul-coreano, além de reforçar medidas contra espões norte-coreanos (WILLIAMS & MOBRAND, 2010). Em consequência, a inteligência norte-coreana têm suas operações restritas, dando início aos sequestros com a

intenção de ensinar o idioma e os costumes locais japoneses para os agentes, além de se apropriar de identidades para operações em território nipônico.

Os dezessete sequestrados, dos quais treze foram confirmados pela administração da Coreia do Norte, enquadram-se em três grupos (WILLIAMS & MOBRAND, 2010): (1) casos individuais, que podem ter sido alvos planejados (Kyouko Matsumoto, outubro de 1977; Megumi Yokota, novembro de 1977; Yaeko Taguchi, junho de 1978; Minoru Tanaka, junho de 1978; Miyoshi Soga; Hitomi Soga, agosto de 1978; Tadaaki Hara, junho de 1980; Kume Yutaka, setembro de 1977); (2) casais em encontro (Yasuhi Chimura e Fukie Hamamoto, julho de 1978; Kaoru Hasuike e Yukiko Okubo, julho de 1978; Suichi Ichikawa e Rumiko Matsumoto, agosto de 1978) e, por último, (3) japoneses que estavam na Europa (Kaoru Matsuki, 1980; Jun Ishioka, maio de 1980; e Keiko Arimoto, julho de 1983). Além da confirmação dos sequestros, a população japonesa fica ainda mais escandalizada quando descobre que, dos treze sequestrados, oito morreram de causas suspeitas, restando apenas cinco sobreviventes (McCORMACK, 2008). Entre as explicações oferecidas pela Coreia do Norte para as mortes estão insuficiência cardíaca (em indivíduo de 24 anos), cirrose, acidente de trânsito, envenenamento por gás do aquecedor e afogamento.

Por pressões da opinião pública, semanas após a reunião em Pyongyang, em 15 de outubro de 2002, faz-se um acordo entre os dois países para que os cinco sobreviventes dos sequestros retornem ao seu país de origem para permanecerem por, no máximo quinze dias, em seguida, deveriam voltar à Coreia do Norte para acertarem seu futuro e de suas famílias. Entretanto, o Japão descumpe o acordo e os cinco sobreviventes não retornam à Coreia, paralisando as negociações visto que o governo japonês se nega a continuar qualquer discussão até que os filhos desses sobreviventes tivessem permissão de voltar ao Japão (McCORMACK, 2008). Como resposta, a Coreia do Norte se recusa a mandar os filhos dos sobreviventes sob a justificativa de que estes já seriam adultos e nunca souberam que seus pais fossem de origem japonesa. Desse modo, seguem com suas vidas normalmente no país, tendo, alguns deles, constituído famílias inseridas na cultura norte-coreana. O choque cultural desses cidadãos em sua necessidade de se adaptarem à sociedade e à cultura japonesa garantia a posição negativa (McCORMACK, 2008).

Outro caso que se torna ainda mais emblemático e concentra a atenção da mídia japonesa é da jovem Megumi Yokota, sequestrada aos treze anos de idade após uma

partida de badminton na cidade de Niigata, em novembro de 1977 (McCORMACK, 2008). Segundo informações fornecidas pela Coreia do Norte sobre a vida da menina, Yokota se casa com um norte-coreano em 1986, primeiramente reconhecido como Kim Chol-ju, porém, com identidade revista para o sul-coreano Kim Young-nan, possivelmente sequestrado também. Posteriormente, em 1987, Yokota dá à luz uma menina, e em 1993 (ano posteriormente revisto para 1994), comete suicídio em decorrência de depressão. Mais uma vez, há um grande esforço por parte dos nipônicos de fazer com que a filha de Yokota, então contando cinco anos, Kim Hye-gyong, conheça os avós. Primeiramente, o avô Shigeru Yokota tem interesse em ir visitar a neta na Coreia do Norte, no entanto, é desencorajado a fazê-lo pela *Sukuukai* (Associação Nacional para o Resgate de Japoneses Sequestrados pela Coreia do Norte)(McCORMACK, 2008).

Em contrapartida, faz-se um formidável esforço de trazer a menina ao Japão, chegando-se a prometer-lhe uma visita à Disneylândia de Tóquio. Todavia, pela lei norte-coreana, é prioridade que a criança fique com o pai, além disso, após o caso dos sobreviventes que deveriam retornar à Coreia do Norte e não o fizeram, o governo norte-coreano resolve não permitir a saída da menina para visitar os avós.

Com a exploração midiática desses casos, há uma pressão enorme de toda a opinião pública sobre a "Questão dos Sequestros", tornando-a ponto central na relação entre Coreia do Norte e Japão. Esse movimento nacional é comandado principalmente por três grupos que possuem o poder de influenciar e minar os esforços de uma política de aproximação regional: o *Kazokukai*, *Sukuukai* e o *Rachi Giren*.

O Movimento para Resgate Japonês

Com a confirmação de que a Coreia do Norte sequestrara cidadãos japoneses, havendo apenas cinco sobreviventes e a filha de Megumi Yokota – caso mais famoso e explorado no que se costuma chamar a "Questão dos Sequestros" – há o surgimento de associações de *lobismo*: instrumentos de pressão política por excelência, capazes de influenciar e minar os esforços para a construção da diplomacia bilateral entre Japão e Coreia do Norte (WILLIAMS & MOBRAND, 2010). O *lobismo* é possível a grupos organizados graças aos seguintes fatores: obtenção de fundos públicos de simpatizantes à causa; enorme cobertura da mídia sobre todos os desdobramentos da "Questão dos Sequestros", e existência de laços diretos das associações com os governos.

A partir de então, passamos a apresentar três das mais relevantes organizações (WILLIAMS & MOBRAND, 2010):

Kazokukai

A organização intitulada "Associação das Famílias Vítimas dos Sequestros da Coreia do Norte"⁶ é a menor das três entidades. Constitui-se em 1997 após uma campanha de resgate à Megumi Yokota; a investigação leva a conhecimento de que ela estaria na Coreia do Norte.

Até 2006, esta organização é comandada pelos pais de Yokota, Shigeru e sua esposa Sakie, e, por problemas de saúde de Shigeru, passa o comando para o irmão mais velho de Yacko Taguchi, um dos sequestrados mortos. Esta associação faz demandas por uma política de resistência à aproximação do Japão com a Coreia do Norte e reivindica informações sobre os sequestrados (HAGSTRÖM & HANSSEN, 2015).

Sukuukai

É chamada de "Associação Nacional para o Resgate de Japoneses Sequestrados pela Coreia do Norte"⁷. Constitui-se em 1998, sendo o mais proeminente dos três grupos. Tem uma forte ligação com o *Kazokukai*, já que surgem por meio da união de vários "grupos de resgate" para dar apoio ao *Kazokukai*, por todo o território japonês.

Estruturalmente, o grupo não possui hierarquia e tampouco afiliação de membros formais, além disso, cada grupo local trabalha independentemente junto ao escritório principal, localizado em Tóquio. Sendo assim, a associação pode ser descrita como uma combinação entre um "grupo de apoio e um comitê de ação política" (JOHNSTON, 2004). É liderado por Sato Matsumi, antigo membro do Partido Comunista do Japão que participou ativamente do movimento de repatriação dos coreanos *Zainichis* para a Coreia do Norte até o ano de 1984. Muda de ideia após constatar que a repatriação para a Coreia do Norte talvez não fosse o melhor para os coreanos, já que poderia os enviar para o "inferno ao invés do paraíso" (WILLIAMS & MOBRAND, 2010). A partir de então, desloca-se para a ala da direita nacionalista.

⁶ No original: *Kitashousen ni yoru Rachi Higaisha Kazoku Renrakukai*, ou apenas *Kazokukai*.

⁷ No original: *Kitashousen ni Rachi sareta Nihonjin o Kyuushutsu suru tame no Zenkoku Kyougikai*, ou apenas *Sukuukai*.

Ademais, *Sukukai* abrange diversas atividades de relacionamento público e também que pressionam o poder público para suas causas por meio de reportagens jornalísticas que provocam intensa comoção e participação popular (WILLIAMS & MOBRAND, 2010). Além disso, também envia delegações ao exterior para conseguir apoio estrangeiro à causa dos sequestros. Um exemplo é a reunião dos associados com o presidente dos Estados Unidos George W. Bush na Casa Branca, em 2006, que reafirma a hostilidade dos EUA com a Coreia do Norte (McCORMACK, 2008).

Rachi Giren

É o maior grupo organizado pelo "Movimento para o Resgate Japonês". Concentra-se na arena parlamentar e nos membros não partidários do Parlamento (*Kokkai*). A primeira organização, criada em 1997, intitulava-se "Aliança dos Membros Parlamentares para Ajudar Japoneses Alegadamente Sequestrados pela Coreia do Norte"⁸. Foi criado pelo membro do Partido Liberal Democrático, Nakayama Masaaki, e também incluía membros favoráveis à conciliação entre Japão e Coreia do Norte. Por não se manter coerente com o objetivo para o qual a associação fora criada – "ajudar japoneses alegadamente sequestrados" – e por Nakayama, por fim, ter defendido que a Coreia do Norte não estava envolvida em sequestros, a associação foi desmantelada em abril de 2002.

O grupo é reconstituído com participação de novos membros, então mais nacionalistas de direita; membros da "Escola da Confrontação" (KUROKI, 2013, p.131), isto é, não favoráveis à normalização das relações diplomáticas entre Coreia do Norte e Japão. Conseqüentemente, após a confirmação dos sequestros por Kim Jong-il, o grupo desenvolve ações de resgate dos sequestrados remanescentes ao mesmo tempo em que muda o nome da organização para "Aliança dos Membros Parlamentares para o Rápido Resgate dos Japoneses Sequestrados pela Coreia do Norte"⁹.

Por meio do *lobismo*, os membros do grupo empenham-se em conseguir o apoio dos parlamentares para a "Questão dos Sequestros" alegando que esta merece a máxima atenção na agenda legislativa. A pressão dos afiliados ocorre por meio de emissão de declarações e também convidando membros do *Kazokukai* e *Sukukai* para

⁸ No original: *Kitashousen Rachi Giwaku Nihonjin Kyuuen Giin Renmei*.

⁹ No original: *Kitashousen ni Rachi sareta Nihonjin o Souki ni Kyuushutsu suru tame ni Koudou suru Giin Renmei*, abreviado *Rachi Giren II*).

testemunharem antes do início das audiências no parlamento. Além disso, o grupo também alega estar preocupado com as questões de segurança do Estado, sendo a favor dos Primeiros-Ministros visitarem o templo Yasukuni¹⁰ e de revisar livros históricos¹¹.

O "Movimento para Resgate Japonês" movimenta a opinião pública direcionando-a para o descontentamento para com a "Questão dos Sequestros" para três grupos principais (HAGSTRÖM & HANSSEN, 2015): (1) políticos, burocratas e acadêmicos que defendem a aproximação com a Coreia do Norte, (2) governo, em geral, por não ter conseguido defender e impedir que esses casos de sequestros acontecessem e, finalmente, (3) mídia, por não ser capaz de fazer a ligação entre os desaparecidos japoneses com a Coreia do Norte.

Com relação ao primeiro grupo, que concentra os políticos e os burocratas, há uma polêmica envolvendo o Ministro das Relações Exteriores que ilustra bem o descontentamento tanto da opinião pública quanto de políticos contrários à normalização das relações bilaterais: Tanaka Hitoshi, responsável pela tentativa de aproximação com a Coreia do Norte durante o governo de Koizumi, sofre um atentado a bomba em sua residência (McCORMACK, 2008). Após o acontecimento, o prefeito de Tóquio Ishihara Shintarou expõe publicamente que Tanaka "deve morrer por sua traição" (ASAHI SHIMBUN, 2003 apud HAGSTRÖM & HANSSEN, 2015). Também houve um descontentamento do público com a mídia por esta não ter investigado as suspeitas de sequestros antes de que se tornassem públicas pela própria Coreia do Norte, assim, para reverter a situação, a "Questão do Sequestro" é exibida constantemente e excessivamente nos meios de comunicação, sempre acompanhada com aspectos negativos do país vizinho, como fome, corrupção, desenvolvimento nuclear e de mísseis.

Em 22 de maio de 2004, Koizumi faz uma segunda visita à Coreia do Norte para reafirmar o desejo de restabelecer relações com o país, e se compromete a oferecer ajuda humanitária por meio de duzentos e cinquenta toneladas de comida, e mais U\$10

¹⁰ Este é o principal templo da tradicional religião xintoísta, localizado no centro de Tóquio. Do período de 1869 até 1945, são homenageados todos os guerreiros nipônicos que morreram em guerras a serviço do país. Contudo, em 1978, Yasukuni acolhe os criminosos de guerra classe A da Segunda Guerra Mundial sentenciados à pena de morte ou mortos em prisões, assim, os Primeiros-Ministros que o visitam são duramente criticados pelos países vizinhos (TOGO, 2005).

¹¹ Esta questão causa grandes tensões entre o Japão e os países vizinhos, uma vez que há um grande número de livros didáticos considerados inadequados sobre a história da Segunda Guerra Mundial, pois é comum haver trocas de palavras como "agressão" por "avanço" ou ter diminuída a responsabilidade do Japão na invasão dos países vizinhos (TOGO, 2005).

milhões em suprimentos médicos (McCORMACK, 2008). Em troca, é solicitado que o governo reconsiderasse autorizando que os cinco sobreviventes ficassem permanentemente no Japão, além de permitir que seus filhos retornassem ao país e se reabrisse a investigação sobre os sequestros na intenção de pôr fim aos questionamentos sobre as mortes. Entretanto, com a possibilidade de que os restos mortais de Yokota, cedidos pelo marido, não fossem realmente dela, conforme confirmou o departamento médico da Universidade Teikyo – descredibilizando a declaração anteriormente divulgada como "amostra inconclusiva" pela respeitada revista científica *Nature* (McCORMACK, 2008), o governo japonês congela o despacho da ajuda humanitária. Como resposta, a Coreia do Norte declara que o resultado da análise de DNA é "fabricado por elementos corruptos" (McCORMACK, 2008), além de incriminar o Japão por quebrar sua promessa à revelia de todos os esforços da Coreia do Norte por solucionar a "Questão dos Sequestros".

Com o *lobismo* das organizações pressionando a opinião pública e o governo, junto da intensa comoção provocada junto às mídias, mais o aumento da hostilidade e ressentimento com relação ao país vizinho, bem como a declaração do Ministro das Relações Exteriores da Coreia do Norte, em fevereiro de 2005, de que expandiria o arsenal nuclear (McCORMACK, 2008), a relação do Japão com a Coreia do Norte se torna hostil ao final do governo de Koizumi, em setembro de 2006. E mais do que isso, após este governo que planejava uma política de moderação e de reconciliação com a Coreia do Norte, a "Questão dos Sequestros" abre a porta para a entrada de políticos conservadores nacionalistas levando à nomeação do novo Primeiro-Ministro Shinzo Abe, em setembro de 2006, promovido ao cargo especialmente por ser linha-dura com relação à Coreia do Norte, passando de uma política externa que buscava conciliação para uma relação política em que não há nenhum diálogo entre os dois países.

Se pensarmos no *Dilema do Prisioneiro* (MELLO, 1997, p.105) fundamentada na teoria Realista de que os Estados são os principais atores do sistema internacional, racionalmente movidos pela preocupação com o poder e pela segurança, bem como predispostos ao conflito e competição, podemos compreender melhor a conflituosa relação entre o Japão e a Coreia do Norte. Neste *Dilema*, há um impasse apresentado a dois prisioneiros, numa situação em que devem escolher uma das opções dadas, mas não podem se comunicar e tampouco têm controle sobre a escolha do outro. Embora os dois se beneficiassem com a cooperação, como não se comunicam não há

confiança nas escolhas do outro, assim a lógica do jogo faz que os dois compitam entre si. Portanto, o que seria racional no plano micro, não é racional no plano macro para nenhum dos prisioneiros (MELLO, 1997, p. 107).

Transportando este dilema para a relação entre o Japão e a Coreia do Norte, a intensa desconfiança existente entre ambos faz com que vários obstáculos impeçam a edificação das relações bilaterais, já que nenhum dos dois países consegue dar o primeiro passo para a reconciliação em virtude das incertezas e das intensas dificuldades de comunicação que têm atravancado esse caminho. Se conseguissem ao menos se comunicar, ambos tirariam vantagem da situação, mesmo que defendendo unicamente seus interesses nacionais.

Conclusão

A "Questão dos Sequestros" é confirmada durante a reunião em que o Primeiro-Ministro japonês Koizumi e o líder da Coreia do Norte, Kim Jong-il, assinam a *Declaração de Pyongyang*, cujo objetivo é estabelecerem relações diplomáticas e usufruírem de uma convivência pacífica na política, na economia e na cultura, contribuindo, enfim, para a paz e estabilidade na região. Entretanto, os sequestros se sobrepõem a uma possível oportunidade de diminuir as tensões na região, bem como ofusca as atrocidades cometidas durante o próprio período colonial japonês, transformando-se no crime do século.

Com uma acentuada pressão da opinião pública, somada a uma intensa cobertura da mídia, as associações *Kazokukai*, *Sukuukai* e *Rachi Giren* se tornam instrumentos de pressão política por excelência, capazes de influenciar e minar os esforços para a construção da diplomacia bilateral entre Japão e Coreia do Norte (WILLIAMS & MOBRAND, 2010). Utilizam-se de três casos para se firmarem: os cinco sobreviventes que partem da Coreia do Norte e ficam no Japão mesmo sem o consentimento daquele; seus filhos, que não obtêm permissão de retornarem ao Japão e, por fim, no caso da jovem Megumi Yokota, sequestrada aos treze anos de idade.

A proporção da desaprovação da opinião pública adquire tamanha amplitude que extermina as tentativas de política externa do então Primeiro-Ministro Koizumi, que possuía o anseio de edificar relações diplomáticas com a Coreia do Norte por meio de uma

postura que pregava a conciliação e dava ênfase ao diálogo. Então, a relação com a Coreia do Norte, delicada antes da assinatura da Declaração, torna-se nula e, ao fim do mandato de Koizumi, em setembro de 2006, Shinzo Abe é nomeado novo Primeiro-Ministro, promovido ao cargo especialmente por ser linha-dura com relação à Coreia do Norte.

A "Questão dos Sequestros" faz com que aumente o ressentimento nipônico com relação ao país vizinho, além de acarretar o aparecimento de um sentimento de autovitimização dos japoneses, cuja imagem já não é de agressores, mas de vítimas (KUROKI, 2013, p.128).

É importante lembrar que a Coreia do Norte é um Estado singular que possui um regime nominalmente comunista e fechado. Em busca de exteriorizar e frisar que é um Estado independente e mostrar que tem poder bélico, faz práticas perversas de sequestros e testes nucleares recorrentes que elevam a tensão em toda a região asiática, e, como resultado, desperta a desconfiança. Por outro lado, o Japão também tem responsabilidade pelas invasões cometidas durante a invasão imperialista e pelos conflitos nela e a partir dela implicados – fatos que amortizam qualquer possibilidade de compreensão ou aproximação entre seus governantes.

Referências Bibliográficas

CHONG-SIK Lee. **Japan and Korea: The Political Dimension**. Stanford University: The Hoover Institution, 1985.

FEFFER, John. **The Future of US-Korea relations: the imbalance of power**. Londres & Nova York: Routledge, 2006.

HAGSTRÖM, Linus & HANSSEN, Ulv. **The North Korean abduction issue: emotions, securitization and the reconstruction of Japanese identity from ‘aggressor’ to ‘victim’ and from ‘pacifist’ to ‘normal’**. *The Pacific Review*, 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/09512748.2014.970043>> Acesso em: 20 ago. 2016.

JOHNSTON, Eric. **The North Korea Abduction Issue and Its Effect on Japanese Domestic Politics**. Working Paper, n. 101: Institute for Research in Japanese Politics, 2004. Disponível em: < <http://www.jpri.org/publications/workingpapers/wp101.html>>. Acesso em: 07 set. 2006.

KUROKI, Maiko. Case study 2: Nationalism and Foreign Policy toward North Korea under the Koizumi administration. In: KUROKI, Maiko. **Nationalism in Japan's Contemporary Foreign Policy: A Consideration of the Cases of China, North Korea, & India**. Londres: London School of Economics and Political Science, p. 128-161, 2013.

MANYIN, Mark E. **Japan- North Korea Relations: Selected Issues**. Serviço de Pesquisa Congressional: A Livraria do Congresso. 2003.

McCORMACK, Gavan. **Japan and North Korea: The Long and Twisted Path towards Normalcy**. Australian National University, 2008. Disponível em: <<http://www.surugadai.ac.jp/sogo/media/bulletin/hikaku16/hikaku16nishikawa.pdf>> Acesso em: 02 set 2016.

MELLO, Flavia de C. **Teoria dos Jogos e Relações Internacionais: Um Balanço dos Debates**. BIB, Rio de Janeiro, n. 44, pp.105-119, 1997.

MINISTÉRIO das Relações Exteriores do Japão (MOFA), **Gaiko Seicho (Diplomatic Blue Book)**. Tóquio, 2002. Disponível em: <http://www.mofa.go.jp/region/asia-paci/n_korea/pmv0209/pyongyang.html>. Acesso em: 02 set 2016.

_____. **Gaiko Seicho (Diplomatic Blue Book)**. Tóquio, 2003. Disponível em: <http://www.mofa.go.jp/region/asia-paci/n_korea/pmv0209/pyongyang.html>. Acesso em: 02 set 2016.

_____. **Gaiko Seicho (Diplomatic Blue Book)**. Tóquio, 2005. Disponível em: <<http://www.mofa.go.jp/policy/other/bluebook/2005/ch2-a.pdf>> Acesso em: 05 set 2016.

NISHIKAYA, Toshiyuki. **Japan's Foreign Policy Dilemma via-à-vis North Korea: The Nuclear Issue, the Abduction Issue and Diplomatic Normalization**. 2008. Disponível em: <<http://www.surugadai.ac.jp/sogo/media/bulletin/hikaku16/hikaku16nishikawa.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

TOGO, Kazuhiko. **Japan's Foreign Policy, 1945-2003: the quest for a proactive policy**. 2. Ed. Boston: Leiden, 2005.

WILLIAMS, Brad & MOBRAND, Erik. **Explaining Divergent Responses to the North Korea Abductions Issue In Japan and South Korea**. The Journal of Asian Studies, vol. 69: The Associations of Asian Studies, 2010.

The relevance of the "kidnapping issue" in the bilateral relations between Japan and north Korea

Abstract

Since the formation of the Democratic People's Republic of Korea (North Korea), Japan has never established diplomatic relations with the country. On the part of North Korea, there are many unresolved post-war issues, for Japan there is a sense of threat to the neighboring country because of nuclear and missile development. While these issues are indispensable to stability between the two countries and the entire Asian region, it is the "Kidnapping Issue", which is the case of the seventeen Japanese Abducted by the North Korean government between the 1970s and 1980s, which causes a major commotion between public opinion and the media, becoming a political priority and an obstacle to Prime Minister Koizumi's foreign policy (2001 -2006), which sought to build bilateral relations between the two countries through policies that prioritized dialogue and understanding. However, at the end of his rule, Shinzo Abe is promoted to the post of Prime Minister especially as he is hard-line to North Korea, moving from a foreign policy seeking conciliation to one in which there is no dialogue between the two countries. The main objective of this research is to expose the obstacles caused by the intense mistrust between the two, through analyzes of political discourses and the pressure of public opinion.

Keywords: Japan. North Korea. Diplomacy. Kidnapping Issue. National security.